



COMPRA-SE UM MARIDO

(José Wanderley)

PERSONAGENS

- Patrícia - filha de Castro
- Castro - pai de Patrícia
- Clementina - Irmã de Castro
- Barbosinha - Secretário de Castro
- Marcos - Marido de Patrícia
- Zélia - Amiga de Patrícia
- Antônio - Serviçal
- Ernesto - Marido de Zélia

1º ATO

Cena: - (Palacete de Castro, no Rio, Copacabana. Aposento elegante, moderno e bizarro, que serve para palestrar, amar e passar as horas de tédio. São dez horas da manhã. Verão. Escondido entre as almofadas, um braço de telefone).

1º QUADRO

(Ao subir o pano, Patrícia está sentada defronte a uma mesinha, cercada de uma infinidade de fotografias, que examina atentamente. Castro, aborrecidíssimo, lê uma revista qualquer).

PATRÍCIA - (Após haver examinado diversas fotografias, apanha uma e observa minuciosamente. Breve pausa. Muito contente, a Castro) - Pronto, papaizinho. Achei. Há de ser este e mais nenhum.

CASTRO - (indiferente) - Ainda bem.

PATRÍCIA - (entregando-lhe a fotografia) - Então que lhe parece?

CASTRO - (Após um rápido exame) - Parece-me que não te convém.

PATRÍCIA - (Surpresa) - Que não me convém? E por que?

CASTRO - (Entregando-lhe a fotografia) - Por que tem cara de imbecil.

PATRÍCIA - (Rindo-se) - Pois é justamente por isso que ele me convém.

CASTRO (Surpreso) - Como assim?



PATRÍCIA - Só mesmo um imbecil será capaz de se prestar a instrumento da minha fantasia de moça rica.

CASTRO - Mas minha filha, você já imaginou nos comentários e possíveis conseqüências que poderão resultar de sua leviandade?

PATRÍCIA - Em meus capriches excludo sempre as conseqüências e os comentários. Não me interessam. Meu lema tem sido sempre êste: quero e acabou-se.

CASTRO - Sim, sim, mas suponhamos que seu preferido não concorde com êsse casamento?

PATRÍCIA - E por que não? Nós possuímos o supremo argumento para convencer qualquer homem: o dinheiro.

CASTRO - Mas há certos caracteres...

PATRÍCIA - O caráter anda muito desvalorizado. Êle oscila com o câmbio. Com dinheiro, audácia e inteligência, compra-se tudo até mesmo um marido.

CASTRO - E a felicidade?

PATRÍCIA - Esta não, porque não existe. Foi a imaginação de algum poeta louco que a criou para ilusão dos que são infelizes.

CASTRO - Você não crê, então, na felicidade?

PATRÍCIA - Creio no dinheiro que é a santíssima trindade moderna.

CASTRO - Eu imagino o que irá ser a sua vida ligada a um homem a quem não ama.

PATRÍCIA - Será a melhor possível. O nosso século não admite mais o amor. Quando a humanidade se convencer de que o sentimentalismo tem sido um sério emba-



raço ao progresso, e que o casamento não deve ser um caso de coração, mas um mero acidente, aí então o mundo será infinitamente mais feliz.

CASTRO - Bonita teoria.

PATRÍCIA - É por isso que não me caso por amor.

CASTRO - Casa-se no entanto por um capricho que poderá fazê-la imensamente infeliz.

PATRÍCIA - Zélia, casando-se, não me tem poupado com suas ironias, onde deixa transparecer que se ainda não me casei foi devido a falta de um marido. Aceitei o desafio e me bati até o último cartucho.

CASTRO - Mas isso é uma insensatez... De resto você poderia escolher, entre seus inúmeros pretendentes, o que mais lhe agradasse...

PATRÍCIA - Seria vulgar, e eu tenho horror a vulgaridade... Depois, se a vida de casada me aborrecer, desquitto-me.

CASTRO - E com isso destrói a sua existência, presa a um homem que a impossibilitará de casar-se novamente...

PATRÍCIA - Diz o provérbio: " quem de uma escapa, cem anos vive..." (E entra Clementina. Sessenta anos bem conservados. Experiente, prática, moderna).

CLEMENTINA - Bom dia.

PATRÍCIA - Chega a propósito, titia. Acabo de escolher a vítima que há de me auxiliar a levar a termo minha vingança contra Zélia.

CLEMENTINA - Muito bem. (Noutro tom) Diga-me, ele corresponde a seus desejos, minha filha?

PATRÍCIA - Que desejos?

CLEMENTINA - Para ser mais clara: é o tipo que idealizou para seu marido?

PATRÍCIA - Eu nunca tive preferências por qualquer tipo de homem. São todos iguais. Não merecem sequer uma afeição sincera. Este, porém, retrata fielmente o homem que sonhei para juguete do meu capricho.

CLEMENTINA - Bravos! (Noutro tom) Consente que observe um instante o retrato?

PATRÍCIA - (Passando-lhe às mãos a fotografia) - Ai o tem.
Que tal?

CLEMENTINA - (Depois de uma pausa em que examina atentamente o retrato) - A preferência não me desagrada. Esta testa arqueada é sinal de inteligência, estes olhos vivos evidenciam sagacidade, este sorriso malicioso...

CASTRO (explodindo) - Chega de tolices, mana. Pelo que vejo você também acredita que esse rapaz se sujeitará ao ridículo papel de marido convencional...

CLEMENTINA - E por que não? Patrícia, além de bonita, é rica e o dinheiro e a beleza são os maiores argumentos deste mundo.

CASTRO - É possível, mas ainda é mais possível que ele não seja desta opinião.

PATRÍCIA - Pior para o senhor, que terá de convencê-lo a casar comigo.

CASTRO - (No auge do espanto)- Eu? Não seria melhor o barbosinha tratar deste assunto?

PATRÍCIA - Não. Há de ser o senhor mesmo. O Barbosinha transformaria todos os meus planos. Esse cavalheiro é de uma imbecilidade apavorante.

CLEMENTINA - Com efeito! ... Não sei o que você achou da figurinha desse idiota para tomá-lo como seu secretário...

CASTRO - Bem, bem... Mudemos de assunto.

PATRÍCIA - É melhor para evitar futuros aborrecimentos. (À Clementina) Então, tia, que parece minha idéia de comprar um marido?

CLEMENTINA - Maravilhosa. Nós precisamos olhar a vida pelo seu lado prático. O amor é um velho lendário como Papai Noel, e só os tolos acreditam na sua existência e nos presentes com que ilude a nossa boa fé.

CASTRO - Apesar disto, você casou-se três vezes...

CLEMENTINA - Casi-me porque não refletia. A primeira vez foi por amor e fui infeliz.

CASTRO - A segunda...

CLEMENTINA - Por interesse e fiz meu marido infeliz.



- CASTRO - E a terceira?
- CLEMENTINA - Por hábito, e fomos ambos infelizes... Malgrado isto, continuo francamente adepta do casamento, mas como um mal necessário.
- PATRÍCIA - Bravos, titia... Neste particular estamos de perfeito acordo.
- CLEMENTINA - De resto o casamento é uma loteria e os bilhetes premiados ficam invariavelmente com os bilheteiros. São os únicos que ganham.
- CASTRO - Os bilheteiros?
- CLEMENTINA - Sim: os juizes, os sacerdotes, os escrivães. Estes não perdem nunca. Consolidam uma união convencionalíssima e é o suficiente para que a sociedade, que repela a mulher que cai, aplauda e exalta aquela que tem a absolvê-la a palavra do juiz e o "conjugu-vobis" da Igreja.
- CASTRO - Chega de disparates, dona...
- CLEMENTINA - ... Os falsos moralistas se insurgem contra o divórcio, apontando-o como elemento corruptor, mas queiram ou não os vendilhões dos emplos, ele há de imporar, não como elemento dissolvente, mas como única solução para evitar a própria corrupção.
- CASTRO - Em suas teorias absurdas você não pensa na dissolução da família.
- CLEMENTINA - A família - num caso de incompatibilidade entre os conjugos - perde a sua verdadeira finalidade: em lugar de construir, destrói pelo mau exemplo.
- PATRÍCIA - Evitemos discussões. Elas nada adiantam em meu caso. Estou resolvida a comprar um marido e nada me demoverá do meu propósito.
- CLEMENTINA - Bem mostra que és minha sobrinha o segundo dizom: quem sai dos meus não degenera.
- CASTRO - Fico sem saber o que pensar. Vocês negam o amor, todavia, queiram ou não, êle é a única verdade da vida.
- PATRÍCIA - Como literatura, é admirável sua opinião. Apenas nós não negamos o amor, combatemos o amor.



- CLEMENTINA - Mesmo porque o que a humanidade designa por amor, não é senão o egoísmo, a vaidade e a ambição disfarçados. O que impulsiona a mulher para o homem e vice-versa, é o desejo de posse, é o instinto, é a própria matéria anulando o espírito.
- CASTRO - O principal responsável de tudo isso que observamos neste século, é a maneira demasiado liberal com que se educa.
- PATRÍCIA - ... e o que lhe falta, papai, é acompanhar a marcha progressiva da época em que vivemos. O senhor pensa e age como no tempo em que era um crime a mulher aspirar sua emancipação.
- CLEMENTINA - ... e a emancipação da mulher, é, atualmente, uma deliciosa realidade...
- CASTRO - Realidade que roubará a mulher a sua verdadeira missão: Ser mãe. Ser verdadeiramente mulher.
- PATRÍCIA - Ora, papaizinho, isso de ser mãe era antigamente. Hoje nos casamos visando apenas um homem que assuma a responsabilidade dos nossos delitos e das nossas fraquezas e a quem a sociedade, ridiculamente, denomina de marido.
- CLEMENTINA - ... e um marido na vida de uma mulher elegante, rica e moderna, é objeto imprescindível, como o são o "rouge", o perfume caro e o chá das cinco.
- CASTRO - Vocês duas se completam...
- PATRÍCIA - É o progresso papaizinho, é o progresso. (E Barbosinha entra ajeitando de fotografias)
- BARBOSINHA: - Senhorita Patrícia, mais fotografias...
- PATRÍCIA: - Já não me interessam ...
- BARBOSINHA - Onde as perei?
- CLEMENTINA - Em qualquer parte, contanto que não nos aborreça.
- BARBOSINHA - (depondo as fotografias sobre a mesa) - Luxa! ... Mal saiu o anúncio e tem sido uma verdadeira epidemia de candidatos. (Rindo-se) E há cada um gozado! ... (Apanhando uma fotografia ao acaso) Este por exemplo! Esta cara já não se usa mais!...
- CLEMENTINA - Você para dizer isto é porque nunca se mirou num espelho....
- BARBOSINHA - Confesso que não percebi o alcance de sua ironia...



- CLEMENTINA - Numa palavra: a cara que você usa também a muito que foi retirada de circulação (RisOs).
- BARBOSINHA - (Despeitado) A senhora fala, fala, fala, e a - posto que também nunca se mirou em um espelho... porque francamente ... esta cara só em desenhos animados... (Ri muito)
- CLEMENTINA - (Entredentes) - Insolente!
- CASTRO - (Rindo) - Não, o Barbosinha agora teve graça...
- PATRÍCIA - (Contendo o riso) - Vamos ao que interessa. (À Barbosinha, mostrando-lhe a fotografia que tem às mãos). Vê este t retrato?
- BARBOSINHA - Vejo. Foi a vítima escolhida?
- Patrícia - Julgo que isto não o interessa.
- BARBOSINHA - Como não! (Olhando muito sério o retrato) Coitado!
- CASTRO - (Surpreso) Coitado?
- BARBOSINHA - Coitado, sim. Além de futura vítima do capricho da senhorita, a natureza não foi nada camarada com ele... (Rindo) Eu vou me divertir um pedaço com esse sujeito...
- PATRICIA - (Imperiosa) - Não seja idiota e leia o que está escrito no verso da fotografia.
- BARBOSINHA - (Lendo em voz alta) Marcos de Azevedo. Solteiro, vacinado, 30 anos incompletos. Residência: Rua da ilusão, 34. Telefone: 27 - 3571
- PATRÍCIA - Vá ao escritório e telefone a esse cavalheiro para que venha falar com papai às duas horas da tarde, sem falta.
- BARBOSINHA - Não seria melhor telefonar daqui mesmo?
- PATRÍCIA - Não, O som de sua voz me incomodaria...
- BARBOSINHA - (Numa saída falsa) Perfeitamente, senhorita.
- CASTRO - (Detendo-o) - Um momento. (Barbosinha para. À Patrícia). Às duas horas não pode ser, minha filha. É a hora sagrada da minha sesta.
- BARBOSINHA - Se me permitem sugiro que recebam esse cavalheiro às oito horas da noite, após o jantar.
- CLEMENTINA - Dispensamos suas sugestões...



- BARBOSINHA - A senhora sempre de implicância domingo... (A Castro)
Não está de acordo?
- CASTRO - Absolutamente. Quem resolve isto é Patrícia.
- CLEMENTINA - (À Barbosinha) - Bem feito!
- BARBOSINHA - (Após lançar um olhar feroz a Clementina, a Castro)
- Peço desculpas, mas pensei...
- CLEMENTINA - Você pensa que pensa mas não pensa coisa alguma; nem sequer sabe pensar como se pensa...
- BARBOSINHA - (A Clementina) - A senhora é mesmo implicantezinha...
- CASTRO - Cale-se. Agora ouça. Como meu secretário, proíbo-lhe que tenha pretensão de pensar. Ouviu?
- BARBOSINHA - Mas a minha condição de secretário não me inibe de pensar. Pelo menos eu penso assim...
- PATRÍCIA - Bois se capacite desta verdade. Um secretário não pensa nunca. É sempre a consequência do pensamento de outro. Compreendeu?
- BARBOSINHA - (despeitado) - Compreendi. Quer dizer que a minha cabeça agora só serve para usar chapéu...
- CLEMENTINA - Nem para isso, pois a moda agora é andar sem chapéu.
- BARBOSINHA - (Depois de um olhar furioso a Clementina) - Afinal, para que horas fica marcada a a entrevista?
- PATRÍCIA - Marque-lhe para... para... às cinco horas da tarde. Está bem, papai?
- CASTRO - Não é muito conveniente... Enfim...
- BARBOSINHA - (À Patrícia) Posso telefonar?
- Patrícia - Pode
- BARBOSINHA - (saindo) - Então, com licença, com licença e com licença... (Sai rápido)
- CASTRO - (A Patrícia) - Minha filha, ainda ó tempo de recuar...
- PATRÍCIA - Mas eu prefiro avançar... (Cortina)

2º Quadro

Cena - (Mesma decoração. Corrida a cortina, Barbosinha está em cena falando ao telefone. Campai
nha. Antônio atravessa a cena saindo pelo fundo. Há uma pequena pausa).



- BARBOSINHA - (Ao telefone) - Alô?... (E desliga, visivelmente aborrecido, no justo momento em que Antônio dá passagem a Marcos).
- ANTÔNIO - Queira ter a bondade de entrar. (Marcos entra. É um homem dos seus 30 anos. Veste com relativa elegância. Em suas feições moças e inteligentes, há vestígios de noites mal dormidas e de grandes decepções. Todo o seu drama íntimo de revoltado, vive e agita em suas atitudes independentes e altivas. Apesar de tudo tem o segredo de transigir com a vida).
- MÁRCOS - (A Barbosinha, enquanto Antônio desaparece) - Permite que me apresente...
- BARBOSINHA - (Atalhando-o) - É excusado, pois já o conheço... (Num risinho de zombaria) de fama... de fama...
- MÁRCOS - (imperturbável) - Há famas que glorificam uma individualidade... (Intencional) assim como há ironias que definem uma mentalidade...
- BARBOSINHA - É uma indireta?
- MÁRCOS - É uma direta e em cheio.
- BARBOSINHA - (Numa fingida superioridade) - Creia que se não me encontrasse onde me encontro saberia o que tinha a fazer diante de sua atitude...
- MÁRCOS - Seria mais prudente se soubesse aquilo que não deveria fazer.
- BARBOSINHA - (Impetuoso) - Suponho que não deseja que o faça calar pela violência.
- MÁRCOS - A suprenacia do impréio sobre si mesmo, é uma das maiores perfeições a que pode atingir o homem.
- BARBOSINHA - (Irritado) - Previno-lhe que sou o pior dos inimigos...
- MÁRCOS - (Sentencioso) - Deus odeia a paz daquele que chama a guerra. Isso foi dito pelo doutor São Francisco de Sales.
- BARBOSINHA - O senhor já leu algum tratado de teologia?
- MÁRCOS - Graças a Deus não, porém não há homem, por mais medíocre que seja, que não saiba alguma coisa para ensinar a um ignorante.
- Barbosinha - Suas insinuações não me atingem. Elas entram por este ouvido e saem por este outro.
- MÁRCOS - O senhor vai de encontro as leis da física: o som não atravessa o vácuo .



- BARBOSINHA - (Intrigado) - Queira ter a bondade de se repetir. Não entendi bem o que quis dizer.
- MARCOS - Eu não me repito nunca. Crio sempre. Aquele que reconhece seu talento não desce nunca a vulgaridade de se repetir. Isso não é de São Francisco de Sales, é meu.
- BARBOSINHA - O senhor pertence a categoria dos que estão sempre prontos a medir a mentalidade alheia, mas nunca a própria.
- MARCOS - Em que almanaque leu isso?
- BARBOSINHA - (Entredentes) - Atrevido!
- MARCOS - Ainda bem, o atrevimento tem sido o fator máximo das grandes conquistas.
- BARBOSINHA - O Senhor é filósofo?
- MARCOS - Não. Sou vagabundo.
- BARBOSINHA - (Rindo-se) - Creia que principio a achar-lhe graça.
- MARCOS - Aquele que rí da miséria alheia é infinitamente mais desgraçado.
- BARBOSINHA - Dizem que quem mais sofre é quem mais pode saber.
- MARCOS - Hipócrates disse: saber é ciência; pensar que se sabe é ignorância...
- BARBOSINHA - Sabe a impressão que me causa?
- MARCOS - A impressão alheia a meu respeito não me interessa, em todo o caso vamos a saber...
- BARBOSINHA - O senhor me causa a mesma impressão que me causam os pobres de espírito e os infelizes...
- MARCOS - Não há homem mais infeliz do que aquele que jamais conheceu a infelicidade...
- BARBOSINHA - O senhor é um bôbo curioso...
- MARCOS - Não há bôbo mais bôbo do que o bôbo que julga outro bôbo, ouviu, seu bôbo?
- BARBOSINHA - (Não se contendo) - Basta! Por mais idiota que seja, há de concordar que não estou disposto a aturar mais suas insolências...
- MARCOS - Neste caso queira anunciar-me o dono da casa. Ele marcou-me uma entrevista para esta hora. (Voz de Catro no interior)

- BARBOSINHA - Não é preciso. Ele vem aí. Com licença, com licença e com licença... (E sai como um furacão. Entra Castro)
- CASTRO - Boa tarde. Com quem tenho a honra...
- MARCOS - Permita que me apresente: Marcos de Azevedo.
- CASTRO - (Estendendo-lhe a mão) - Muito prazer.
- MARCOS - Recebi seu telefonema e aqui me tem.
- CASTRO - Agradeço-lhe a atenção. (Indicando-lhe uma cadeira) Queira sentar-se.
- MARCOS - (Sentando-se) - Obrigado.
- CASTRO - Permita-me que lhe faça uma pergunta?
- MARCOS - Todas as perguntas.
- CASTRO - Qual é a sua atual situação?
- MARCOS - Vagabundo. E a sua?
- CASTRO - Eu sou milionário.
- MARCOS - Meus pêsames.
- CASTRO - Ora essa! Por que?
- MARCOS - Jesus disse: é mais fácil um camelo passar pelo de uma agulha, do que um rico entrar no reino do céu...
- CASTRO - Ora, Jesus disse isso porque não tinha dinheiro... (Neutro tom) O senhor sabe o que é ser milionário?
- MARCOS - Eu sempre fui honesto.
- CASTRO - (Sem responder) - Ser milionário é ter uma vida pausada que exige prudência, raciocínio e atenção...
- MARCOS - E muito dinheiro.
- CASTRO - Ser milionário é ser torturado, é a pessoa agitar-se dentro de uma sociedade artificial e hipócrita, cujo servilismo oscila de conformidade com a fortuna de cada um.
- MARCOS - Ser milionário é ter seus desejos realizados...
- CASTRO - É ser invejado. Todos ambicionam ser milionário que passa em sua "linousine". Observe, porém, que ninguém deseja ser^o paralítico, o cego ou o mendigo. Por que? Por que o dinheiro que eles combatem na figura do milionário tem o poder mágico de comprar consciências e



caracteres. A própria Justiça se escraviza ao vil metal.

MARCOS - Apesar de tudo o senhor não trocária sua atual situação pela minha.

CASTRO - O hábito faz o monge. Hoje me é impossível abandonar o conforto que o dinheiro proporciona...

MARCOS - Muito bem, mas suponho que não foi para se lamuriar que o senhor me marcou esta entrevista.

CASTRO - Tem razão. Vamos ao que importa: o senhor leu an meu anúncio nos jornais oferecendo uma colocação vantajosa e candidatou-se ao emprego, não é verdade?

MARCOS - A pura verdade.

CASTRO - Pois bem, dentre os inúmeros candidatos, foi o escolhido...

MARCOS - Profundamente reconhecido.

CASTRO - Resta saber se aceitará...

MARCOS - Sim, mas diga-me: que espécie de colocação me está reservada?

CASTRO - O senhor irá ocupar o lugar de gerente geral das minhas fábricas.

MARCOS - É uma confiança que me sensibiliza. E as condições?

CASTRO - Chegamos ao ponto melindroso do caso. Antes advirto-lhe que qualquer gesto de dignidade de sua parte repelindo minha proposta, não me agradará.

MARCOS - Fico sem saber o que pensar.

CASTRO - Ouça, então. Para assumir o lugar de gerente-geral das minhas fábricas, terá de casar-se com minha filha. (E fez-se um longo silêncio. Marcos, atônito, fixa Castro, de gradamente.) Então?

MARCOS - A sociedade dos milionários, pouco ou nada evoluiu nos seus métodos de humilhar...

CASTRO - Que pretende insinuar?

MARCOS - Quando julguei que a vida enfim ia me conceder aquilo a que tenho direito, pelo muito que me tem negado, recebo a mais humilhante das propostas.

CASTRO - Creia que o admiro pela repulsa que lhe causa minha proposta.



COMPRA-SE UM MARIDO

(José Wanderley)

PERSONAGENS

- Patrícia - filha de Castro
- Castro - pai de Patrícia
- Clementina - Irmã de Castro
- Barbosinha - Secretário de Castro
- Marcos - Marido de Patrícia
- Zélia - Amiga de Patrícia
- Antônio - Serviçal
- Ernesto - Marido de Zélia

1º ATO

Cena: - (Palacete de Castro, no Rio, Copacabana. Aposento elegante, moderno e bizarro, que serve para palestrar, amar e passar as horas de tédio. São dez horas da manhã. Verão. Escondido entre as almofadas, um braço de telefone).

1º QUADRO

(Ao subir o pano, Patrícia está sentada defronte a uma mesinha, cercada de uma infinidade de fotografias, que examina atentamente. Castro, aborrecidíssimo, lê uma revista qualquer).

PATRÍCIA - (Após haver examinado diversas fotografias, apanha uma e observa minuciosamente. Breve pausa. Muito contente, a Castro) - Pronto, papaizinho. Achei. Há de ser este e mais nenhum.

CASTRO - (indiferente) - Ainda bem.

PATRÍCIA - (entregando-lhe a fotografia) - Então que lhe parece?

CASTRO - (Após um rápido exame) - Parece-me que não te convém.

PATRÍCIA - (Surpresa) - Que não me convém? E por que?

CASTRO - (Entregando-lhe a fotografia) - Por que tem cara de imbecil.

PATRÍCIA - (Rindo-se) - Pois é justamente por isso que ele me convém.

CASTRO (Surpreso) - Como assim?

PATRÍCIA - Só mesmo um imbecil será capaz de se prestar a instrumento da minha fantasia de moça rica.

CASTRO - Mas minha filha, você já imaginou nos comentários e possíveis conseqüências que poderão resultar de sua leviandade?

PATRÍCIA - Em meus capriches excluo sempre as conseqüências e os comentários. Não me interessam. Meu lema tem sido sempre êste: quero e acabou-se.

CASTRO - Sim, sim, mas suponhamos que seu preferido não concorde com êsse casamento?

PATRÍCIA - E por que não? Nós possuímos o supremo argumento para convencer qualquer homem: o dinheiro.

CASTRO - Mas há certos caracteres...

PATRÍCIA - O caráter anda muito desvalorizado. Êle oscila com o câmbio. Com dinheiro, audácia e inteligância, compra-se tudo até mesmo um marido.

CASTRO - E a felicidade?

PATRÍCIA - Esta não, porque não existe. Foi a imaginação de algum poeta louco que a criou para ilusão dos que são infelizes.

CASTRO - Você não crê, então, na felicidade?

PATRÍCIA - Creio no dinheiro que é a santíssima trindade moderna.

CASTRO - Eu imagino o que irá ser a sua vida ligada a um homem a quem não ama.

PATRÍCIA - Será a melhor possível. O nosso século não admite mais o amor. Quando a humanidade se convencer de que o sentimentalismo tem sido um sério emba-



raço ao progresso, e que o casamento não deve ser um caso de coração, mas um mero acidente, aí então o mundo será infinitamente mais feliz.

CASTRO - Bonita teoria.

PATRÍCIA - É por isso que não me caso por amor.

CASTRO - Casa-se no entanto por um capricho que poderá fazê-la imensamente infeliz.

PATRÍCIA - Zélia, casando-se, não me tem poupado com suas ironias, onde deixa transparecer que se ainda não me casei foi devido a falta de um marido. Aceitei o desafio e me bati até o último cartucho.

CASTRO - Mas isso é uma insensatez... De resto você poderia escolher, entre seus inúmeros pretendentes, o que mais lhe agradasse...

PATRÍCIA - Seria vulgar, e eu tenho horror a vulgaridade... Depois, se a vida de casada me aborrecer, desquitto-me.

CASTRO - E com isso destrói a sua existência, presa a um homem que a impossibilitará de casar-se novamente...

PATRÍCIA - Diz o provérbio: "quem de uma escapa, cem anos vive..." (E entra Clementina. Sessenta anos bem conservados. Experiência, prática, moderna).

CLEMENTINA - Bom dia.

PATRÍCIA - Chega a propósito, tia. Acabo de escolher a vítima que há de me auxiliar a levar a termo minha vingança contra Zélia.

CLEMENTINA - Muito bem. (Noutro tom) Diga-me, ele corresponde a seus desejos, minha filha?

PATRÍCIA - Que desejos?

CLEMENTINA - Para ser mais clara: é o tipo que idealizou para seu marido?

PATRÍCIA - Eu nunca tive preferências por qualquer tipo de homem. São todos iguais. Não merecem sequer uma afeição sincera. Este, porém, retrata fielmente o homem que sonhei para juguete do meu capricho.

CLEMENTINA - Bravos! (Noutro tom) Consente que observe um instante o retrato?

PATRÍCIA - (Passando-lhe às mãos a fotografia) - Ai o tem.
Que tal?

CLEMENTINA - (Depois de uma pausa em que examina atentamente o retrato) - A preferência não me desagrada. Esta testa arqueada é sinal de inteligência, estes olhos vivos evidenciam sagacidade, este sorriso malicioso...

CASTRO (explodindo) - Chega de tolices, mana. Pelo que vejo você também acredita que esse rapaz se sujeitará ao ridículo papel de marido convencional...

CLEMENTINA - E por que não? Patrícia, além de bonita, é rica e o dinheiro e a beleza são os maiores argumentos deste mundo.

CASTRO - É possível, mas ainda é mais possível que ele não seja desta opinião.

PATRÍCIA - Pior para o senhor, que terá de convencê-lo a casar comigo.

CASTRO - (No auge do espanto) - Eu? Não seria melhor o barbosinha tratar deste assunto?

PATRÍCIA - Não. Há de ser o senhor mesmo. O Barbosinha transformaria todos os meus planos. Esse cavalheiro é de uma inbecilidade apavorante.

CLEMENTINA - Com efeito! ... Não sei o que você achou da figurinha desse idiota para tomá-lo como seu secretário...

CASTRO - Bem, bem... Mudemos de assunto.

PATRÍCIA - É melhor para evitar futuros aborrecimentos. (À Clementina) Então, titia, que parece minha idéia de comprar um marido?

CLEMENTINA - Maravilhosa. Nós precisamos olhar a vida pelo seu lado prático. O amor é um velho lendário como Papai Noel, e só os tolos acreditam na sua existência e nos presentes com que ilude a nossa boa fé.

CASTRO - Apesar disto, você casou-se três vezes...

CLEMENTINA - Casi-me porque não refletia. A primeira vez foi por amor e fui infeliz.

CASTRO - A segunda...

CLEMENTINA - Por interesse e fiz meu marido infeliz.

- CASTRO - E a terceira?
- CLEMENTINA - Por hábito, e fomos ambos infelizes... Malgra do isto, continuo francamente adepta do casamento, mas como um mal necessário.
- PATRÍCIA - Bravos, titia... Neste particular estamos de perfeito acordo.
- CLEMENTINA - De resto o casamento é uma loteria e os bilhetes premiados ficam invariavelmente com os bilheteiros. São os únicos que ganham.
- CASTRO - Os bilheteiros?
- CLEMENTINA - Sim: os juizes, os sacerdotes, os escrivães. Estes não perdem nunca. Consolidam uma união convencionalíssima e é o suficiente para que a sociedade, que repõe a mulher que cai, aplauda e exalta aquela que tem a absolvê-la a palavra do juiz e o "conjugo-vobis" da Igreja.
- CASTRO - Chega de disparates, mana...
- CLEMENTINA - ... Os falsos moralistas se insurgem contra o divórcio, apontando-o como elemento corruptor, mas queiram ou não os vendilhões dos emplos, ele há de imperar, não como elemento dissolvente, mas como única solução para evitar a própria corrupção.
- CASTRO - Em suas teorias absurdas você não pensa na dissolução da família.
- CLEMENTINA - A família - num caso de incompatibilidade entre os conjugues - perde a sua verdadeira finalidade: em lugar de construir, destrói pelo mau exemplo.
- PATRÍCIA - Evitemos discussões. Elas nada adiantam em meu caso. Estou resolvida a comprar um marido e nada me demoverá do meu propósito.
- CLEMENTINA - Bem mostra que és minha sobrinha e segundo dizem: quem sai nos meus não degenera.
- CASTRO - Fico sem saber o que pensar. Vocês negam o amor, todavia, queiram ou não, ele é a única verdade da vida.
- PATRÍCIA - Como literatura, é admirável sua opinião. Apenas nós não negamos o amor, combatemos o amor.



- CLEMENTINA - Mesmo porque o que a humanidade designa por amor, não é senão o egoísmo, a vaidade e a ambição disfarçados. O que impulsiona a mulher para o homem e vice-versa, é o desejo de posse, é o instinto, é a própria matéria anulando o espírito.
- CASTRO - O principal responsável de tudo isso que observamos neste século, é a maneira demasiado liberal com que se educa.
- PATRÍCIA - ... e o que lhe falta, papai, é acompanhar a marcha progressiva da época em que vivemos. O senhor pensa e age como no tempo em que era um crime a mulher aspirar sua emancipação.
- CLEMENTINA - ... e a emancipação da mulher, é, atualmente, uma deliciosa realidade...
- CASTRO - Realidade que roubará a mulher a sua verdadeira missão: Ser mãe. Ser verdadeiramente mulher.
- PATRÍCIA - Ora, papáizinho, isso de ser mãe era antigamente. Hoje nos casamos visando apenas um homem que essuma a responsabilidade dos nossos delitos e das nossas fraquezas e a quem a sociedade, ridiculamente, denomina de marido.
- CLEMENTINA - ... e um marido na vida de uma mulher elegante, rica e moderna, é objeto imprescindível, como o são o "rouge", o perfume caro e o chá das cinco.
- CASTRO - Vocês duas se completam...
- PATRÍCIA - É o progresso papáizinho, é o progresso, (E Barbosinha entra ajojado de fotografias)
- BARBOSINHA: - Senhorita Patrícia, suas fotografias...
- PATRÍCIA: - Já não me interessam ...
- BARBOSINHA - Onde as perdi?
- CLEMENTINA - Em qualquer porta, contanto que não nos aborrecça.
- BARBOSINHA - (depondo as fotografias sobre a mesa) - Tuxa! ... Mal saiu o anúncio e tem sido uma verdadeira epidemia de candidatos. (Rindo-se) E há cada um gozado! ... (Apanhando uma fotografia ao acaso) Este por exemplo! Esta cara já não se usa mais!..
- CLEMENTINA - Você para dizer isto é porque nunca se mirou num espelho...
- BARBOSINHA - Confesso que não percebi o alcance de sua ironia...



- CLEMENTINA - Numa palavra: a cara que você usa também a multo que foi retirada de circulação (RisOs).
- BARBOSINHA - (Despeitado) A senhora fala, fala, fala, e a - posto que também nunca se mirou em um espelho... porque francamente ... esta cara só em desenhos animados... (Ri muito)
- CLEMENTINA - (Entredentes) - Insolente!
- CASTRO - (Rindo) - Não, o Barbosinha agora teve graça...
- PATRÍCIA - (Contendo o riso) - Vamos ao que interessa. (À Barbosinha, mostrando-lhe a fotografia que tem às mãos). Vê este t retrato?
- BARBOSINHA - Vejo. Foi a vítima escolhida?
- Patrícia - Julgo que isto não o intressa.
- BARBOSINHA - Como não! (Olhando muito sério o retrato) Coitado!
- CASTRO - (Surpreso) Coitado?
- BARBOSINHA - Coitado, sim. Além de futura vítima do capricho da senhorita, a natureza não foi nada camarada com ele... (Rindo) Eu vou me divertir um pedaço com esse sujeito...
- PATRICIA - (Imperiosa) - Não seja idiota e leia o que está escrito no verso da fotografia.
- BARBOSINHA - (Lendo em voz alta) Marcos de Azevedo. Solteiro, vacinado, 30 anos incompletos. Residência: Rua da ilusão, 34. Telefone: 27 - 3571
- PATRÍCIA - Vá ao escritório e telefone a esse cavalheiro para que venha falar com papai às duas horas da tarde, sem falta.
- BARBOSINHA - Não seria melhor telefonar daqui mesmo?
- PATRÍCIA - Não, O som de sua voz me incomodaria...
- BARBOSINHA - (Numa saída falsa) Perfeitamente, senhorita.
- CASTRO - (Detendo-o) - Um momento. (Barbosinha para. À Patrícia). Às duas horas não pode ser, minha filha. É a hora sagrada da minha sesta.
- BARBOSINHA - Se me permitem sugiro que recebam esse cavalheiro às oito horas da noite, após o jantar.
- CLEMENTINA - Dispensamos suas sugestões...



- BARBOSINHA - A senhora sempre de implicância domingo... (A Castro)
Não está de acordo?
- CASTRO - Absolutamente. Quem resolve isto é Patrícia.
- CLEMENTINA - (À Barbosinha) - Bem feito!
- BARBOSINHA - (Após lançar um olhar feroz a Clementina, a Castro)
- Peço desculpas, mas pensei...
- CLEMENTINA - Você pensa que pensa mas não pensa coisa alguma; nem sequer sabe pensar como se pensa...
- BARBOSINHA - (A Clementina) - A senhora é mesmo implicantezinha...
- CASTRO - Cale-se. Agora ouça. Como meu secretário, proíbo-lhe que tenha pretensão de pensar. Ouviu?
- BARBOSINHA - Mas a minha condição de secretário não me inibe de pensar. Pelo menos eu penso assim...
- PATRÍCIA - Bois se capacite desta verdade. Um secretário não pensa nunca. É sempre a consequência do pensamento de outro. Compreendeu?
- BARBOSINHA - (despeitado) - Compreendi. Quer dizer que a minha cabeça agora só serve para usar chapéu...
- CLEMENTINA - Nem para isso, pois a moda agora é andar sem chapéu.
- BARBOSINHA - (Depois de um olhar furioso a Clementina) - Afim, para que horas fica marcada a entrevista?
- PATRÍCIA - Marque-lhe para... para... às cinco horas da tarde. Está bem, papai?
- CASTRO - Não é muito conveniente... Enfim...
- BARBOSINHA - (À Patrícia) Posso telefonar?
- Patrícia - Pode
- BARBOSINHA - (saindo) - Então, com licença, com licença e com licença... (Sai rápido)
- CASTRO - (A Patrícia) - Minha filha, ainda é tempo de recuar...
- PATRÍCIA - Mas eu prefiro avançar... (Cortina)

2º Quadro

Cena - (Mesma decoração. Corrida a cortina, Barbosinha está em cena falando ao telefone. Campai_nha. Antônio atravessa a cena saindo pelo fundo. Há uma pequena pausa).



- BARBOSINHA - (Ao telefone) - Alô?... (E desliga, visivelmente aborrecido, no justo momento em que Antônio dá pasagem a Marcos).
- ANTÔNIO - Queira ter a bondade de entrar. (Marcos entra. É um homem dos seus 30 anos. Veste com relativa elegância. Em suas feições moças e inteligentes, há vestígios de noites mal dormidas e de grandes decepções. Todo o seu drama íntimo de revoltado, vive e agita em suas atitudes independentes e altivas. Apesar de tudo tem o segredo de transigir com a vida).
- MÁRCOS - (A Barbosinha, enquanto Antônio desaparece) - Permite que me apresente...
- BARBOSINHA - (Atalhando-o) - É excusado, pois já o conheço... (Num risinho de zombaria) de fama... de fama...
- MÁRCOS - (imperturbável) - Há famas que glorificam uma individualidade... (Intencional) assim como há ironias que definem uma mentalidade...
- BARBOSINHA - É uma indireta?
- MÁRCOS - É uma direta e em cheio.
- BARBOSINHA - (Numa fingida superioridade) - Creia que se não me encontrasse onde me encontro saberia o que tinha a fa - zer diante de sua atitude...
- MÁRCOS - Seria mais prudente se soubesse aquilo que não deveria fazer.
- BARBOSINHA - (Impetuoso) - Suponho que não deseja que o faça calar pela violência.
- MÁRCOS - A supremacia do inprério sobre si mesmo, é uma das maiores perfeições a que pode atingir o homem.
- BARBOSINHA - (Irritado) - Previno-lhe que sou o pior dos inimigos...
- MÁRCOS - (Sentencioso) - Deus odeia a paz daquele que chama a guerra. Isso foi dito pelo doutor São Francisco de Sales.
- BARBOSINHA - O senhor já leu algum tratado de teologia?
- MÁRCOS - Graças a Deus não, porém não há homem, por mais medíocre que seja, que não saiba alguma coisa para ensinar a um ignorante.
- Barbosinha - Suas insinuações não me atingem. Elas entram por este ouvido e saem por este outro.
- MÁRCOS - O senhor vai de encontro as leis da física: o som não atravessa o vácuo .



- BARBOSINHA - (Intrigado) - Queira ter a bondade de se repetir. Não entendi bem o que quis dizer.
- MARCOS - Eu não me repito nunca. Crio sempre. Aquele que reconhece seu talento não desce nunca a vulgaridade de se repetir. Isso não é de São Francisco de Sales, é meu.
- BARBOSINHA - O senhor pertence a categoria dos que estão sempre prontos a medir a mentalidade alheia, mas nunca a própria.
- MARCOS - Em que almanaque leu isso?
- BARBOSINHA - (Entredentes) - Atrevido!
- MARCOS - Ainda bem, o atrevimento tem sido o fator máximo das grandes conquistas.
- BARBOSINHA - O Senhor é filósofo?
- MARCOS - Não. Sou vagabundo.
- BARBOSINHA - (Rindo-se) - Creia que principio a achar-lhe graça.
- MARCOS - Aquele que rí da miséria alheia é infinitamente mais desgraçado.
- BARBOSINHA - Dizem que quem mais sofre é quem mais pode saber.
- MARCOS - Hipócrates disse: saber é ciência; pensar que se sabe é ignorância...
- BARBOSINHA - Sabe a impressão que me causa?
- MARCOS - A impressão alheia a meu respeito não me interessa, em todo o caso vamos a saber...
- BARBOSINHA - O senhor me causa a mesma impressão que me causam os pobres de espírito e os infelizes...
- MARCOS - Não há homem mais infeliz do que aquele que jamais conheceu a infelicidade...
- BARBOSINHA - O senhor é um bôbo curioso...
- MARCOS - Não há bôbo mais bôbo do que o bobo que julga outro bôbo, ouviu, seu bobo?
- BARBOSINHA - (Não se contendo) - Basta! Por mais idiota que seja, há de concordar que não estou disposto a aturar mais suas insolências...
- MARCOS - Neste caso queira anunciar-me o dono da casa. Ele marcou-me uma entrevista para esta hora. (Voz de Catro no interior)



- PERBOSINHA - Não é preciso. Ele vem aí. Com licença, com licença e com licença... (E sai como um furacão. Entra Castro)
- CASTRO - Boa tarde. Com quem tenho a honra...
- MARCOS - Permita que me apresente: Marcos de Azevedo.
- CASTRO - (Estendendo-lhe a mão) - Muito prazer.
- MARCOS - Recebi seu telefonema e aqui me tem.
- CASTRO - Agradeço-lhe a atenção. (Indicando-lhe uma cadeira) Queira sentar-se.
- MARCOS - (Sentando-se) - Obrigado.
- CASTRO - Permita-me que lhe faça uma pergunta?
- MARCOS - Todas as perguntas.
- CASTRO - Qual é a sua atual situação?
- MARCOS - Vagabundo. E a sua?
- CASTRO - Eu sou milionário.
- MARCOS - Meus pêsames.
- CASTRO - Ora essa! Por que?
- MARCOS - Jesus disse: é mais fácil um camelo passar pelo de uma agulha, do que um rico entrar no reino do céu...
- CASTRO - Ora, Jesus disse isso porque não tinha dinheiro... (Neutro tom) O senhor sabe o que é ser milionário?
- MARCOS - Eu sempre fui honesto.
- CASTRO - (Sem responder) - Ser milionário é ter uma vida pautada que exige prudência, raciocínio e atenção...
- MARCOS - E muito dinheiro.
- CASTRO - Ser milionário é ser torturado, é a pessoa agitar-se dentro de uma sociedade artificial e hipócrita, cujo servilismo oscila de conformidade com a fortuna de cada um.
- MARCOS - Ser milionário é ter seus desejos realizados...
- CASTRO - É ser invejado. Todos ambicionam ser milionário que passa em sua "limousine". Observe, porém, que ninguém deseja ser paralítico, o cego ou o mendigo. Por que? Por que o dinheiro que eles combatem na figura do milionário tem o poder lógico de comprar consciências e



caracteres. A própria Justiça se escraviza ao vil metal.

- MARCOS - Apesar de tudo o senhor não trocava sua atual situação pela minha.
- CASTRO - O hábito faz o monge. Hoje me é impossível abandonar o conforto que o dinheiro proporciona...
- MARCOS - Muito bem, mas suponho que não foi para se lamuriar que o senhor me marcou esta entrevista.
- CASTRO - Tem razão. Vamos ao que importa: o senhor leu an meu anúncio nos jornais oferecendo uma colocação vantajosa e candidatou-se ao emprego, não é verdade?
- MARCOS - A pura verdade.
- CASTRO - Pois bem, dentre os inúmeros candidatos, foi o escolhido...
- MARCOS - Profundamente reconhecido.
- CASTRO - Resta saber se aceitará...
- MARCOS - Sim, mas diga-me: que espécie de colocação me está reservada?
- CASTRO - O senhor irá ocupar o lugar de gerente geral das minhas fábricas.
- MARCOS - É uma confiança que me sensibiliza. E as condições?
- CASTRO - Chegamos ao ponto melindroso do caso. Antes advirto-lhe que qualquer gesto de dignidade de sua parte repelindo minha proposta, não será considerado.
- MARCOS - Fico sem saber o que pensar.
- CASTRO - Ouça, então. Para assumir o lugar de gerente-geral das minhas fábricas, terá de casar-se com minha filha. (E fez-se um longo silêncio. Marcos, atônito, fixa Castro, desoladamente.) Então?
- MARCOS - A sociedade dos milionários, pouco ou nada evoluiu nos seus métodos de humilhar...
- CASTRO - Que pretende insinuar?
- MARCOS - Quando julguei que a vida enfim ia me conceder aquilo a que tenho direito, pelo muito que me tem negado, recebo a mais humilhante das propostas.
- CASTRO - Creia que o admiro pela repulsa que lhe causa minha proposta.